

## **RESENHA DO LIVRO - ANATOMIA DO SARRIÁ - BRASIL X ITÁLIA, 1982**

Rodrigo Baldi Gonçalves<sup>1</sup>

Gabriel Orenge Sandoval

Alcides José Scaglia

O italiano Piero Trellini, jornalista, escritor e autor desta obra, divide o livro Anatomia de Sarriá em dez seções: Prólogo; Pré-história; A Copa do Mundo; O jogo; Primeiro tempo; Intervalo; Segundo tempo; Conclusão; Epílogo e Notas do autor. Nas aproximadas 500 páginas, realiza uma construção histórica e cultural dos diversos personagens presentes antes, durante e depois da derrota do Brasil para a Itália na Copa do Mundo de 1982.

Nos primeiros capítulos (Introdução e Prólogo), o leitor se depara com relato do autor sobre como aquele jogo marcou sua infância, a partir de uma contextualização dos sentimentos vivenciados naquela tarde de 1982. Não era um simplesmente um jogo, era o encontro de duas escolas mundiais com características opostas que colocavam em xeque o futuro do futebol mundial. Ainda nas primeiras páginas do livro, é mostrado que o futebol é mais do que um jogo, através do relato sobre o árbitro do jogo, Abraham Klein, judeu, que viveu situações desafiadoras até chegar o momento de soar o apito dando início a partida. E a escolha do local, Sarriá em Barcelona, envolvido por questões políticas locais.

A primeira parte “Pré-história”, apresenta diversos acontecimentos, histórias, curiosidades e afins, relacionados aos agentes que de alguma maneira fizeram parte daquele Brasil x Itália. As seis primeiras seções denominadas “O litoral vermelho”, “O país dos sonhos”, “Brasil, Itália”, “O professor que perdeu o Titanic”, “O homem da Copa do Mundo” e “A cobra fumou”, indicam que a influência italiana no Brasil é presente no processo histórico-cultural atrelado a diferentes áreas, dentre elas, o futebol, como a criação da Sociedade Esportiva Palestra Itália, hoje conhecido como Sociedade Esportiva Palmeiras.

---

<sup>1</sup> UNICAMP. Email.: r205486@dac.unicamp.br

O capítulo (Pré-história) é dividido em 58 seções, a partir da construção histórica, o escritor, visa os fatos envolvendo ambos os países, jogadores, árbitro, dirigentes, patrocinadores, país sede e veículos de imprensa. Vale ressaltar alguns tópicos. A seção 11, por exemplo, retrata uma fase de mudanças e descobertas entre Rio de Janeiro e Roma, cidades símbolos de Brasil e Itália. Dentre essas “descobertas”, está a Fiorentina, time italiano que contrata o brasileiro Julinho Botelho, jogador da seleção brasileira, fazendo com que não fosse mais convocado devido a regra da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) de convocar apenas jogadores que atuam no país. Esse empecilho abre espaço para Garrincha. Pouco tempo depois, Fiorentina e Brasil veem seus jogadores darem frutos – Julinho, conquista o *Scudetto* e o vice da Copa dos Campões da Europa. Garrincha é campeão do mundo em 1958. A seção 18 dedica-se há um dos momentos mais sombrios da história brasileira, o golpe militar e sua influência no futebol brasileiro. A seção 30 é marcada pela transição de treinadores no futebol italiano e conseqüentemente de um estilo de jogo.

A seção 47, mostra as implicações da ditadura na seleção brasileira de 82. Dentre elas, está a mudança da CBD para Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e tem como novo presidente eleito Giulite Coutinho. Um dos seus primeiros atos é buscar um novo treinador, preocupado com o apelo popular, usa uma pesquisa realizada pelo jornal “O Estado de São Paulo” para definir o nome, Telê Santanta.

Para aceitar ser treinador do Brasil, Telê impõe 8 condições, algumas delas seriam presentes até os dias atuais: 1. Ter um auxiliar técnico e um preparador físico permanente; 2. Autonomia na convocação e dispensa de jogadores; 3. Organizar o calendário de forma a conciliar os interesses da CBF e das Federações; 4. Observar pessoalmente os jogadores que se destacam em cada estado e dar oportunidade a todos; 5. Viajar pelo Brasil para manter contato direto com os jogadores em seus locais de treinamento; 6. Buscar maior proximidade com técnicos brasileiros que formam uma classe marginal e desinformada; 7. Exigir tempo para treinar e 8. Acompanhar periodicamente a evolução do futebol em outros países. Assim, Telê viria ser o primeiro treinador a ser exclusivo da CBF.

Passando para o tema central do livro, o segundo capítulo denominado “Copa do Mundo”, possui 55 seções, abrange a magnitude do evento e traz ao leitor diversas histórias: dirigentes responsáveis pela organização da competição na Espanha, jornais italianos, treinador da Itália e do Brasil, jogadores italianos e brasileiros e os últimos preparativos que antecedem o jogo Itália x Brasil.

As cinco primeiras seções deste capítulo são destinadas a Saporta, homem responsável pela organização do evento no país espanhol e as questões políticas ligadas a competição. Nas questões políticas as seções: 4. “O sonho de Ossie” e 5. “O boicote”, contam o *lobby* feito pela Grã-Bretanha para que vetassem a participação da Argentina na Copa do Mundo, devido ao conflito envolvendo as Ilhas Malvinas, entretanto, a fala de João Havelange – Presidente da FIFA a época confirma a participação da Argentina: “aqui tratamos de futebol e não política” (p.174) – algo duvidoso, já que sua própria posição era política naquele local. A partir deste ponto, a obra transita entre seções que tratam de questões ora italianas, ora brasileiras, ora acerca da Copa do Mundo. As seções 6. “Os dois mestres” e 7. “A fé cega”, por exemplo, une os dois treinadores (Enzo Bearzot e Telê Santana) apresentando as origens, manias, passado, linhas de trabalho e pensamentos sobre o futebol dos treinadores.

As seções 8 a 11 retratam dúvidas em relação aos jogadores que seriam convocados por Telê Santana para Copa de 82. Waldir Peres, goleiro titular durante o mundial não estava presente nas primeiras convocações, ganha a vaga e a titularidade após atuações impecáveis em dois jogos contra Alemanha com defesa de pênalti. A lateral direita também tem a sua surpresa, o jovem Leandro, desbanca Edevaldo e garante o passaporte a Espanha. Por fim, a grande dúvida de Telê era no ataque, quem iria para o mundial e quem seria a sua dupla titular. Éder supera o ganhador da bola de prata (1980 e 1981) - Mário Sérgio. Restava mais uma vaga entre os 11 titulares, o histórico de testes não ajudava Telê, dois anos, oito jogadores, por fim, Serginho Chulapa é titular e, Roberto Dinamite, o reserva. Éder e Serginho são a dupla no ataque brasileiro.

Após a escolha de seus comandados, o treinador da seleção brasileira tinha pendências em relação a tática, as seções 12, 13 e 20 denotam como Telê pensava o meio-campo. Iniciado por Claudio Coutinho em 1979, a sua primeira versão do “quadrado mágico” tem: Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico (curiosamente o mesmo

quarteto que atuaria na copa). Entretanto, alterações aconteceram ao longo da preparação: Falcão vai para a Itália, o que abre espaço para a entrada do “estrangeiro<sup>2</sup>” Dirceu, ou de Paulo Isodoro. As alterações dão uma resposta: o melhor desempenho é com Cerezo, Isodoro, Sócrates e Zico. A dúvida para a Copa era: mantém Isodoro, o Bola de Ouro da última edição do Brasileiro ou encaixa o Rei de Roma, Falcão? Essa dúvida é rapidamente esclarecida ao leitor a partir de dois parágrafos.

Telê não quer ouvir outras razões. Está tentando criar um quadrado no meio-campo e, para isso, decidiu sacrificar um dos atacantes. Abandonou o consagrado esquema 4-3-3 para abraçar um novo 4-4-2. Aquela área do campo que ocupava quando jogador, a ponta-direita, deve se tornar cada vez mais um espaço vazio, preenchido ocasionalmente de acordo com o andamento de cada jogo pelos integrantes de seu meio de campo, cuja rotação deve evitar dar pontos de referência aos adversários (p.203)

Para Telê Santana,

Aqueles que fazem questão de pontas fixos, especialistas numa só posição, incluindo aqueles que costumam usar as camisas números 7 e 11, já estão mortos e não sabem disso. O futebol moderno não permite que existam jogadores fixos em determinados posições: caso contrário serão facilmente marcados pelo adversário (p. 204)

Um problema ainda persiste: o espaço vazio no lado direito do ataque verde-amarelo. Os jogadores buscam resolver, Zico se posiciona, a contragosto, mais nesta região, culminando em manifestações de insatisfação e na ênfase do treinador sobre a necessidade de algum jogador estar naquele lugar, independente se for Zico ou não, dada a importância de o espaço estar coberto por algum jogador.

As três últimas seções são dedicadas exclusivamente ao Brasil, neste capítulo: “39. Serginho” - o qual de maneira resumida, conta a trajetória do camisa 9 do Brasil até a sua ida a Copa do Mundo na Espanha. O jogador possui características notáveis de um centroavante, alto, forte, boa condução de bola e briga por cada bola. A palavra “briga” é a palavra que se relaciona com o jogador, tanto que alguns não querem sua convocação, mas para Telê ele é fundamental.

Os brasileiros sabiam o tamanho do adversário a ser enfrentado. As seções 44. “A última sessão” e 52. “A dúvida” representam esse ponto. Os jogadores

---

<sup>2</sup> A palavra “estrangeiro” refere-se aos jogadores brasileiros que atuavam em clubes fora do país.

Falcão e Oscar apresentam receios de enfrentar a seleção italiana, mesmo com uma primeira fase ruim, Telê Santana procura manter o otimismo, idem ao jornalista brasileiro Aberto Helena Jr., no entanto, levanta um ponto: a seleção só tinha enfrentado uma vez a marcação individual e não se esperava nada da Itália.

As sessões dedicadas a Itália, trazem uma compreensão dos aspectos que pairavam a seleção e abarcam uma narrativa de uma crise sem precedentes, dando conta de que não haveria nenhuma chance para os *azzurri* contra a seleção verde e amarelo. Contudo, como sabemos, uma das questões ontológicas do jogo é sua imprevisibilidade, de tal maneira, contar com a vitória ou derrota antes do jogo começar não pode ser determinante. Sabendo disso, Bearzot já principiava a preparação de seus comandados para a segunda fase torneio. As seções: 15. “A grande guerra”. 16. “O jogo para o massacre” e 18. “O encontro com o rei” relatam o lugar onde os italianos estavam se concentrando. Mesmo conseguido a classificação a seleção sofria críticas do presidente da associação de futebol e da imprensa – seção 19. “O outro *Furlan*”.

Na seção 21. “Deus é brasileiro”, retomando à temática do Brasil, pode-se entender como era o olhar dos italianos para o Brasil. Havia um carnaval fora de época todo dia no treino da Seleção, algo incomum para eles, mas visto com admiração: as camisas verdes e amarelas, as categorias dos jogadores e a irreverência para viver as situações eram vistas com muito entusiasmo pelo autor.

Como o autor deste livro é jornalista, as seções: 22. “A escala da vergonha”; 24. “O clube dos senis”; 31. “O exército de Brancazot”; 32. “A guerra das canetas”; 41. “O movimento da Torre”; 45. “*Quelli che...*” 49. “A banda do *Corriere*”; 53. “Lettera 32” e 54. “O matador”, relatam episódios dos jornalistas dos principais veículos da Itália antes e durante a copa do mundo e como eram suas expectativas ao desempenho do país na competição. É possível notar a paixão pelo esporte, algo que se extrapolou e causou fortes críticas a seleção - seção 23. “A cura”. Paolo Rossi é duramente criticado por sua convocação e atuação nos jogos. Nas seções: 30. “A revolta dos excluídos” e 33. “O Grangiuàn” para a imprensa há nitidamente um desconforto do treinador em extrair o melhor dos jogadores que tem à disposição. Assim, as intrigas criaram uma rixa entre jogadores x jornalistas,

como fica claro nas seções 25. “O silêncio é de ouro”; 28. “A vigília”; 43. “Hotel Majestic, quarto 427”.

A seção 29. “A primeira dança” - descreve o jogo Argentina x Itália, como uma partida de xadrez. Os italianos vencem por 2x1 e começam a mostrar uma seleção diferente da retratada pelos jornalistas. Na seção 34, a opinião dos jornalistas é: a Itália não tem a mínima chance contra o Brasil. Na seção 37. “O calcanhar de Aquiles” e 38. “O plano do Velho” o leitor depara que para Enzo Bearzot, a sua seleção tinha sim, chances de vitória. Para isso, coloca todos os jogadores para assistir *in loco* Brasil x Argentina, a derrota da La albiceleste mostra o que não fazer e um possível caminho para a tão sonhada vitória. O treinador traça o plano com uma marcação individual, mas não pelo campo todo. Dentre os homens a serem marcados individualmente está Serginho. Nessa temática, nas seções 46. “A noite” - preparação para o jogo e 48. “Contra a lenda” apresentam as expectativas que antecedem o jogo, tanto na visão dos jogadores e treinador, quanto dos jornalistas.

Antes de encerrar essa parte da obra, as seções 26. “Grupo da morte”; 27. “O Sarriá”; 35. “A valsa de despedida”; 36. “O fracasso” e 50. “O artista” trazem os pormenores que envolveram a competição, os detalhes do sorteio, a escolha de Sarriá e os cuidados que o campo recebeu para ser sede de um grupo que marcaria história.

Por fim, o autor trata de fazer conexões entre os azzurri e a seleção canarina em 40. “A guerra dos mundos” Trellini traça dois paralelos de futebol, em sua visão, os italianos possuem o tradicionalismo da defesa, a marcação, e o *catenaccio*, um estilo de jogo nobre e complexo, algo racional. E Bearzot faz uma revolução ao unir o futebol total com Catenaccio, a fim de chegar à marcação mista – um conceito flexível que exige jogadores multifacetados. Do outro lado, o escritor compreende o futebol brasileiro da seguinte forma:

O Brasil rejeita a tática, evita as complicações, escolhe a linearidade em nome do espetáculo. Favorece a representação, o número pessoal. Escolhe, por consequência, uma velocidade moderada do jogo, que dá tempo para os refinamentos técnicos. Tudo deve ser suave. O toque, o jogo, o gol. As jogadas devem ser instintivas, porque só a improvisação, se você é um artista, cria o espetáculo. É um jogo em que, às vezes, as habilidades individuais ofuscam as coletivas. Culpa da história. Os primeiros jogadores do Brasil aprenderam futebol em jogos recreativos.

Longe dos colonizadores ocidentais. Então, quando passam a enfrentá-los, por medo da retaliação, evitavam qualquer tipo de contato físico. Para isso, recorriam ao drible. O que era fácil, já que dançavam o samba. Surpresa, vivacidade e espontaneidade eram qualidades já presentes em seu espírito mais autêntico (p. 276).

Aqui, entretanto, gostaríamos de ponderar tal afirmação. Quando o autor diz que o Brasil não joga taticamente, podemos promover duas observações. Em primeiro momento, retomar o conceito de tática e concordar em partes com o autor. Se concebemos tática como a gestão do espaço de jogo, conceito esse que exprime uma relação extremamente articulada entre ato de jogar e uma racionalidade ou uma intelectualidade, podemos enxergar a Seleção de 82 desconexa dessa ideia, algo que pode ser notado na fala do próprio Telê quando libera seus jogadores para se movimentarem com liberdade para ocuparem os espaços no campo. Entretanto, em segundo momento, não se pode dizer que a tática é refutada. O mesmo Telê pensa a ocupação de espaços de sua equipe, induzindo uma visão que considera, em alguma medida, a tática, uma vez que há preocupação com a disposição de jogadores em campo para impedir a progressão adversária, por exemplo. Atrelado a isso, nota-se um desconhecimento do autor em tais afirmações: dizer que as habilidades individuais são culpa da história – passando a imagem de que isso é um problema – o drible é uma alternativa para o medo de enfrentar os colonizadores – quando, na verdade, o drible é uma gramática corporal desenvolvida por uma população concebida à margem da lógica exclusivamente eurocêntrica – induzem uma visão dos brasileiros como inferiores aos europeus, como se, medindo a maneira de se jogar pela régua eurocêntrica, a Seleção de 82 era uma anomalia esteticamente bela, mas, para chegar ao sucesso, faltaria uma organização que não somos capazes de ter.

Mais próximo do jogo, As seções 42. “O blefe”; 47. “Maratona-Sarriá”; 51. “O exercício” e 55. “O futuro chegou” são dedicadas aos relatos dos ocorridos dias antes de um jogo importante: a especulação da mídia e a tentativa dos treinadores de esconderem quem serão os titulares, a dúvida se os machucados se recuperaram. Concomitantemente, cronistas realizam textos em busca de uma “previsão” do que pode acontecer, constroem um jogo de futebol como uma história quase “mística”. E temos, de fato, o relato das ações e conversas de

jogadores e treinadores, suas angústias e desejos até o instante em que a bola está no centro do campo.

No capítulo “O jogo” - as seções de 1 a 14, delineiam os pormenores nas diferentes relações envolvendo este jogo, seja entre as marcas que pagaram para terem suas logo divulgadas no estádio, seja as questões políticas envolvendo os chefes de comitês e confederações, os torcedores, treinadores, os jogadores, o país com o futebol e as marcas esportivas com os jogadores.

O capítulo “Primeiro tempo” faz uma descrição detalhada dos lances que ocorreram neste tempo, o autor destaca pontualmente alguns jogadores brasileiros e italianos que de alguma maneira estavam chamando a atenção. Já o capítulo “Intervalo” é dividido em apenas duas seções, a primeira - 1. “Na tribuna” - é relatado a atmosfera que jornalistas e torcedores estavam vivendo naquela tarde, comentários sobre o jogo, atuação dos jogadores e no último parágrafo, o detalhamento do vestiário italiano. A segunda seção 2. “O plano B” traz à tona, a preocupação dos patrocinadores em colocar suas marcas nas placas de publicidade nos jogos seguinte, pensando que, possivelmente a Itália poderia classificar e a seleção com maior apelo (Brasil) estaria fora, conseqüentemente, as marcas brasileiras deixariam de estampar as placas de publicidade. Em adição, o capítulo “Segundo tempo” escancara ao leitor uma análise minuciosa dos eventos ocorridos na segunda metade do jogo. É destacado de forma específica alguns jogadores do Brasil e da Itália e construído a imagem de como a torcida estava se portando. Por fim, o capítulo conclusão, apenas uma seção foi destinada para descrever como foi final do jogo “O menino do Sarriá” relata a história por trás da famosa fotografia de um garotinho brasileiro chorando após o apito final.

Em “Epílogo”, as seções 1. “O destino de José”; 2. “A tragédia do Sarriá”; 3. “Rumo à glória”; 4. “Os camisas pretas”; 5. “O avião do *scopone*”; 6. “No vagão dos vencedores”; 7. “O destino dos poderosos”; 8. “O homem que não queria os Estados Unidos”; 9. “*Made in Italy*”; 10. “A evolução do futebol italiano”; 11. “Bearzot”; 12. “Depois de Bearzot”; 13. “Telê”; 14. “A geração derrotada”; 15. “A busca por explicações”; 16. “Os tristes destinos dos campeões” 17. “O fim do Sarriá” e o 18. “Jogo do Século”. Trellini conta os desfechos dos principais personagens daquela partida e o impacto no futuro dos italianos e brasileiros. Finalizando, Em Notas do autor, “Os ares da Copa”, Piero Trellini – traz a sua



visão e a relação com este jogo, destaca como foi obter algumas informações. Podemos, também, compreender o desafio do autor em relatar cada detalhe desta partida e encerra com agradecimentos aqueles (as) que o ajudou a contar as histórias por diferentes óticas.

Um jogo desta magnitude é merecedor de um livro dedicado exclusivamente para contar sua história. A visão de um italiano traz, ao leitor brasileiro, um outro lado não conhecido antes. Contudo, expõe questões que nos rememoram o colonialismo: algumas maneiras de observar criticamente as situações carregam, inerentemente, uma visão atrelada ao contexto europeu o que, por consequência, pode induzir compreensões acerca do futebol brasileiro desarticulada de sua realidade contextual. Isso não impede, entretanto, do valor da leitura e do conhecimento de tudo que envolveu um dos jogos mais importantes da história das Copas do Mundo: apenas assinala a relatividade da leitura em algumas ocasiões.

Ao longo das 10 seções, o leitor se aventura em questões que vão além do jogo, trata-se dos detalhes de uma Copa do Mundo, dos bastidores que são pouco contados. Em relação ao jogo, podemos ter a percepção que o Brasil é eliminado no detalhe e os “Deuses do futebol” agraciaram a Itália no momento certo e com o jogador certo.